

LAZER E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO HÁBITO DE LER DE CRIANÇAS QUE FREQUENTAM UMA BIBLIOTECA PÚBLICA ESCOLAR¹

REFLECTIONS ON THE FORMATION OF THE HABIT OF READING IN CHILDREN WHO ATTEND THE PUBLIC SCHOOL LIBRARY

Rosane Ferreira Menezes²

RESUMO: Este texto tem como objetivo discutir a relação lazer e educação a partir de reflexões sobre a leitura como uma possibilidade de lazer, focalizando, principalmente, o universo infanto-juvenil. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que partiu das observações efetuadas em uma biblioteca pública escolar. Foi possível concluir que a prática de leitura prazerosa pode desenvolver, no leitor, um potencial crítico e criativo, para que este seja capaz de fazer uma leitura reflexiva do mundo, conferindo-lhe uma formação mais abrangente, além de possibilitar que o leitor adquira o hábito de ler, ampliando interfaces entre o lazer e a educação.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Educação, Leitura, Biblioteca

Palavras iniciais

“Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras, que são acompanhadas pelo ritmo de versinhos. Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final” (BENJAMIN, 1984. p.75).

○ presente texto, inserido no campo dos Estudos do Lazer e Educação, tem como objetivo discutir a leitura como uma possibilidade de lazer para as crianças e jovens. Trata-se de uma pesquisa

¹ Este texto foi baseado no Trabalho Integrado realizado ao longo do IV Curso de Especialização em Lazer/CELAR/DEF/UFMG, intitulado: “A leitura como opção de lazer; reflexões sobre a formação do hábito de ler das crianças em uma biblioteca pública escolar”, sob orientação da professora Christianne Luce Gomes Werneck.
² Pedagoga, Especialista em Lazer/UFMG e membro do Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR.

bibliográfica que enfatiza o caráter lúdico da qual a leitura pode ser revestida, sua relação no processo educativo e o uso da biblioteca no desenvolvimento do hábito de ler, tornando essa atividade prazerosa.

O nosso interesse por essa temática surgiu a partir de observações realizadas no cotidiano profissional junto aos usuários (crianças e jovens) de uma biblioteca pública escolar, quando alguns comportamentos de alunos nos chamaram a atenção: nas discussões que mantinham com os colegas, mostravam-se mais informados, desinibidos e auto-confiantes. Pouco a pouco, fomos percebendo, também, que esses mesmos alunos demonstravam uma grande vontade de ler: eram frequentadores assíduos da Biblioteca Escolar, principalmente da parte reservada à literatura infanto-juvenil – onde procuravam os livros “interessantes”, como diziam. Além disso, no dia-a-dia escolar, eles pareciam sempre dispostos a uma boa discussão, argumentando e arriscando palpites sobre os mais variados temas.

Isso nos levou a pensar que esse aluno-leitor, que muitas vezes adota uma postura de “devorador de livros” em situação extra-classe, pode manter uma relação diferente com a leitura. Ou seja, para o aluno-leitor, talvez a leitura se apresente como uma possibilidade de lazer a partir do espaço escolar; o que explicaria a sua disposição para essa atividade, enquanto os outros realizam ações diferenciadas.

Assim, este texto procura refletir acerca de algumas dimensões relacionadas à leitura como uma possibilidade de lazer em uma biblioteca pública escolar, bem como suas implicações para a formação do hábito de ler, conforme as considerações colocadas a seguir.

Espaço para Leitura e Lazer: Biblioteca Pública e Escolar

Tem sido comum a percepção da biblioteca como um local onde são classificados e guardados os livros, para leitura e empréstimo; onde acham-se catalogados certos tipos de conhecimento da sociedade. Mas este espaço pode ser também, redimensionado, sendo envolto por um clima de magia e encanto, mistério, imaginação e fantasia. Tal perspectiva foi muito bem explorada, por exemplo, por Umberto Eco, em “O nome da Rosa”, cuja trama se desenrola no desvendamento dos mistérios que cercam a Biblioteca do Mosteiro – focalizada como um local frio, formal e de acesso altamente restrito. Diversos autores buscaram redimensionar e compreender esse intrigante espaço, onde, pessoas de diferentes faixas etárias e grupos sociais podem, com os olhos fixos nos livros e

apontamentos, se dedicar ao exercício de transformar em realidade a ficção, e a ficção em realidade. Como exclamou FRAGOSO (1996, p.55): *"Isso é a biblioteca e seus deslumbramentos! Personagens e gente, sem diferenças, misturando o concreto e o abstrato, a rosa perfumada ao contorno do lápis"*.

Essa é uma linha de reflexão que sugere, também, BENJAMIN (1984). Ao descrever as suas lembranças da infância, vivenciada em Berlim, ele se apresenta como um assíduo freqüentador da biblioteca do colégio onde estudara. Era nessa instituição que tomava emprestado os seus livros prediletos. O que não era fácil conseguir. O número de livros interessantes era menor do que a quantidade de alunos pretendentes ao empréstimo. Então, determinados títulos eram bem disputados, e o aluno-leitor Walter Benjamin se quedava de tristeza quando via os livros mais cobiçados caírem nas mãos de quem poderia "não saber apreciá-los", tanto quanto ele.

SARTRE (1978, p.32), narrando as suas memórias de infância, é outro que se mostra deslumbrado com o encanto da biblioteca. Para este autor, a biblioteca se confunde com a própria realidade. Os seus livros transportam os leitores a outros tempos e lugares imaginários:

"Deixavam-me vagabundear pela biblioteca e eu dava assalto à sabedoria humana. Foi ela quem me fez. (...) As densas lembranças, e a doce sem-razão das crianças do campo, em vão procurá-las-ia, eu, em mim. Nunca esgaravatei a terra, nem farejei ninhos, nem herborizei e nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido num espelho; tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade".

Porque todo esse encantamento? O que faz com que a biblioteca e os seus livros deixem de ser vistos como uma possibilidade formal e desinteressante, adquirindo papel e importância tão especiais na perspectiva do aluno-leitor?

Não temos sobre isso uma resposta definitiva. Certamente, seriam muitos os fatores. Mas é possível seguir, aqui, algumas pistas de "mistérios". Para DUMAZEDIER (1973), após a expansão do cinema, rádio, imprensa ou da televisão, a elevação do nível de instrução escolar mostrou ser um dos fatores mais eficientes para o desenvolvimento de hábitos de leitura. Segundo ele, o aumento de pelo menos 30% do tempo livre a partir da época em que apareceu a grande imprensa, permitiu o aumento do lazer

nessa perspectiva, inclusive por meio da entrega à leitura de livros. Além disso, graças aos atrativos da ficção, as obras de cultura geral, de caráter literário, podem, enquanto distraem, propiciar um aumento de conhecimento e dos chamados "interesses intelectuais" do lazer. É nessa oportunidade que o leitor, entre a fantasia e a realidade, apreende novas informações, que serão incorporadas à sua memória e ao seu dia-a-dia.

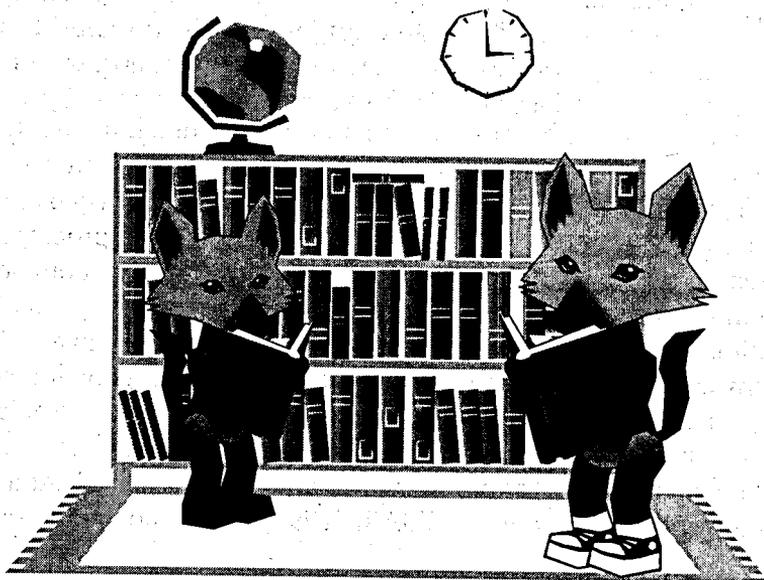
Sabe-se, também, que ler pode significar mais do que uma "decifração da escrita". A sua aprendizagem se liga, por tradição, ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural. É, enfim, um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando a linguagem utilizada, seja ela escrita, oral ou visual.

Assim, relacionando a leitura à escola, podemos pensar no ato de ler como um mero procedimento da atividade escolar mas, também, como uma experiência que expande as delimitações deste universo formal de ensino. A escola é somente o ponto inicial, onde se aprende a ler e, possivelmente, pode auxiliar o desenvolvimento do gosto pela leitura. Esta posição é compartilhada por CAGLIARI (1997, p.148), ao afirmar que:

"A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. Em síntese, a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Pois a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura".

Nesta perspectiva, a biblioteca escolar é concebida como instrumento de desenvolvimento do currículo, que permite o fomento da leitura e a formação de uma atitude considerada "científica". Mas ela constitui, ainda, um elemento que pode contribuir com a formação dos sujeitos para uma aprendizagem permanente, podendo estimular a criatividade, a comunicação e oferecer a informação necessária para a tomada de decisões não apenas no que diz respeito ao ensino formal. Ela se volta ao estímulo da leitura, podendo contribuir para o desenvolvimento da leitura do mundo e despertar a criatividade do aluno. Ela é, enfim, um instrumento fundamental a um processo de formação mais abrangente. E como sugere LOURENÇO FILHO (apud SILVA, 1995, p.66) "...uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, sem a

tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto”.



A esta instituição podemos agregar um caráter público, à medida que permite o livre acesso aos registros do conhecimento, idéias e expressões da imaginação humana que fazem parte dos seus acervos. As bibliotecas públicas são instituições democráticas de educação, cultura e informação. Segundo o Manifesto da UNESCO, tal instituição tem uma preocupação de reanimar o espírito do homem, oferecendo-lhe livros que forneçam diferentes tipos de informação. Assim, ela deve estar atenta ao surgimento de novas necessidades na comunidade onde se insere, consubstanciadas em leituras especiais e em novos interesses no campo do lazer.

Nesta junção, as prerrogativas das bibliotecas escolar e pública se complementam. Ou seja, biblioteca pública escolar é aquela que se volta não somente para as atividades do currículo, mas principalmente que amplia oportunidades para o desenvolvimento do gosto e do hábito de leitura enquanto possibilidades de lazer paralelas à formação escolar. Ela possui, além disso, a incumbência de promover a aproximação entre os indivíduos e a produção do conhecimento acerca do mundo, apresentando-se como um local de livre acesso. Assim, as informações obtidas na ou por meio da biblioteca pública escolar podem constituir uma

inesgotável fonte de estímulo e inspiração para as iniciativas criadoras do aluno, bem como para a leitura social do nosso mundo. E a leitura, assim como outras experiências culturais, pode visualizar a biblioteca escolar como um interessante espaço para o lazer. É nessa convergência de objetivos, na possibilidade de uma leitura-lazer, que podemos identificar a magia, o mistério, o deslumbramento, enfim, o mundo fascinante que pode circundar uma biblioteca.

Também no nosso cotidiano profissional podemos observar situações em que o gosto pela leitura expande as atividades curriculares, ampliando oportunidades para as vivências lúdicas na escola. Este é o caso, por exemplo, dos momentos em que as crianças são conduzidas pelos professores para desenvolver atividades de leitura na biblioteca. Em geral, essas se mostram muito satisfeitas por estarem ali, e não na sala-de-aula.

Além disso, observamos que no conjunto de alunos que se apresentam nessa ocasião, sempre há aqueles para os quais estes momentos contêm uma possibilidade de realização de leituras que fogem aos objetivos imediatos do ensino formal. Estes não acompanham os seus colegas nas conversas. Aproveitam o tempo passado na biblioteca dedicando-se à leitura voraz de várias obras. Solicitam títulos; percorrem as estantes dos livros "interessantes". Querem sempre mais um; mesmo que a sua leitura não esteja em sintonia com as atividades previstas pelo professor.

Percebemos, ainda, que na maioria das vezes são esses alunos (que se manifestam como "devoradores de livros"), que extrapolam as preocupações acadêmicas localizadas no espaço imediato da sala-de-aula, demonstrando uma grande capacidade argumentativa nas discussões com os colegas e professores. Comportam-se, assim, com maior autonomia, construindo o seu saber pelo prazer da leitura. E são eles, também, que se apresentam no final das aulas e, principalmente, em vésperas de férias ou feriado prolongado em busca "daquele livro", aquele título ainda não lido, enriquecendo seus momentos de lazer com a leitura de algumas obras de seu interesse.

No entanto, essa complementaridade de uma biblioteca pública escolar, associando formação, conhecimento público, ludicidade e lazer não é predominante na realidade brasileira. Pelo contrário, ela é excepcional. MARCELLINO (1996) comenta esta triste realidade. Segundo ele, além de termos poucas bibliotecas públicas, atualmente, essas podem ser caracterizadas pela ênfase, ou quase exclusivamente, no

atendimento de interesses marcados pela obrigação, seja ele escolar, ou profissional. Nessa perspectiva, as tentativas de considerar a biblioteca também como um espaço de lazer ficam restritas às promoções esporádicas e, na maioria das vezes, sem vínculo com suas atividades específicas. Com isso, a instituição acaba por negar o seu potencial para o lazer, ligado à satisfação dos chamados “interesses intelectuais e artísticos” nos gêneros da prática, da fruição e do conhecimento, tal como aponta o autor acima.

É necessário, portanto, dinamizar as concepções de biblioteca existentes em nosso meio. Isso significa, para MARCELLINO (1996), deixar de considerá-la apenas um espaço para a guarda de livros, com ar de santuário; passar a vê-la como centro cultural, que reflete e tem reflexos na comunidade na qual está inserida. Encaradas nessa perspectiva, as atividades da biblioteca auxiliarão o desenvolvimento do duplo aspecto educativo do lazer – veículo e objeto da educação. Educando para e pelo lazer, promovendo oportunidades informais para a formação e ampliação do gosto pela leitura.

Para nós, é esse gosto de ler que permite pensar a leitura como uma possibilidade de lazer, constituindo ainda, um elemento importante para a formação do hábito de ler. Pois uma leitura prazerosa e o hábito nem sempre resultam de uma busca “desinteressada”. Muitas vezes o leitor imagina, deseja dar seqüência a uma relação prazerosa, enfim, escolhe com antecedência a sua leitura, mesmo que depois ela não tenha correspondência com as expectativas que criou. Mas, é o fazer de novo aquilo que vivenciou com gosto, em outra ocasião, que dá sustentação ao seu projeto contínuo de leitura.

“...E aí começa a alegria da leitura, que vai longe. Ela nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Daí por diante a leitura ficará sendo um hábito, e esse hábito leva a novas descobertas. Uma curtidão”. (ZILBERMAN, 1999. p.81)

Afinal, quando uma leitura nos transmite alegria, desperta a nossa curiosidade, estimula a fantasia, provoca descobertas ou lembranças, ela se torna uma curtidão – uma leitura-prazer. E uma vez tornada hábito, ela se entranha na vida do leitor, através do gosto de ler. Ela se torna aquilo que se deseja repetir, uma vez que pode representar uma inesgotável fonte de prazer.

A Leitura-Prazer

“Ânsia de ler, fome de leitura, vontade de ler, paixão da leitura e prazer da leitura”. Essas características demonstradas por leitores habituais ou assíduos nos remetem a uma só idéia: a leitura-prazer. E assim como a brincadeira do pião, a leitura, para que seja uma possibilidade de lazer, primeiramente deve ser uma busca movida pelo desejo e curiosidade, ou simplesmente pela busca de um estado de satisfação. Essa busca hedonística não é concebida isoladamente, uma vez construída conforme os princípios marcantes de nosso contexto cultural, social, histórico e político.

O estado de satisfação pode ser uma forma de refletir sobre a realidade, transformando a leitura em uma brincadeira que pode ser experimentada durante toda a vida. O que nos faz acreditar que a leitura, como busca hedonística, é capaz de contribuir com a formação do hábito de ler e, como sugere BENJAMIN (1984, p.75):

“A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. (...) Todo hábito entra na vida como brincadeira e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final. Formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror, eis os hábitos”

Para BENJAMIN (1984), a grande lei que rege o mundo da brincadeira em sua totalidade é a lei da repetição. Ela é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como “brincar de novo”. É a brincadeira e nada mais que está na origem de todos os hábitos. É dela que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira.

Infelizmente as nossas crianças, condicionadas pelas estruturas sócio-culturais, passam rapidamente a detestar a leitura, diante de sua obrigatoriedade e imposição. Pois, o caráter lúdico é tão fundamental para o lazer que quando este não proporciona a alegria, a fruição esperada, seu caráter é traído: deixa de ser interessante, frustra.

Mas, quando as crianças conseguem driblar essa imposição de leitura obrigatória, fruindo o prazer pela leitura voluntária, fruto de uma escolha pessoal, com liberdade e autonomia, elas buscam mais e mais essa

experiência como opção de lazer. Ampliam, também, as possibilidades de despertar a consciência crítica sobre o mundo e adquirir bagagem cultural para refletir sobre o futuro a ser construído. Elas podem se tornar, assim, mais sensíveis para o questionamento da sua relação com o mundo vivido. Isso não quer dizer que a criança busca a leitura por reconhecer a importância desta em sua vida, mas por várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade, à sua história de vida, ao seu desenvolvimento em diferentes âmbitos e ao contexto no qual se constitui.

Dentre as motivações de leitura ressalta-se a busca do novo, o envolvimento com o texto e a trama do livro. Neste momento, a leitura pode atingir a emoção do leitor: ele pode se sentir dentro da história, como um dos personagens, e também identificar-se com as idéias do autor e a sua linguagem. BENJAMIN (1984, p.55) diz que,

"Frente ao livro ilustrado, a criança entra nos bastidores coloridos vencendo a parede ilusória, penetra em um palco onde vive o conto de fadas. Nesse mundo permeável, adornado de cores, onde a cada passo as coisas mudam de lugar, a criança é recebida como companheira. Fantasiada, com todas as cores que capta, lendo e vendo, a criança entra no meio de uma mascarada e também participa dela. Lendo – pois em encontraram-se as palavras adequadas a esse baile de máscaras, as quais revolteiam confusamente no meio da brincadeira como sonoros flocos de neve. As crianças aprendem com as ilustrações ao mesmo tempo a língua e a escrita: hieróglifos".

É com esses signos, que, ainda hoje, são dadas as primeiras palavras da cartilha, como observa o mesmo autor. E, para ele, o valor autêntico dos livros infantis, simples e gráficos, está muito distante daquela drasticidade insensível, recomendada pela pedagogia racionalista (BENJAMIN, 1984).

A leitura pode, através dos sentidos, revelar um prazer singular, relacionado com sua disponibilidade e curiosidade. O livro atrai pelas histórias de encantamento, de imprevistos, de alegria e apreensões. Os primeiros contatos podem propiciar à criança a descoberta do livro como objeto especial, uma fonte de prazer. "A criança lê para distrair-se, divertir-se; a leitura é um brinquedo que vai deixar lembranças, que muitas vezes são revividas no futuro" (OLIVEIRA, 1991, p.39). O livro de leitura escolar precisa ser, essencialmente, literatura; se conseguir informar será por decorrência de envolvimento literário. É nessa perspectiva que o hábito de

ler, criado em decorrência da leitura como uma possibilidade de lazer, pode ser um precioso instrumento de formação, sobretudo para crianças e jovens.

A Formação do Hábito de Ler: uma possibilidade de educação para e pelo lazer

Como o lazer também pode ser desenvolvido através da leitura, o hábito pode ser formado a partir da inserção deste conteúdo cultural na educação, desde os primeiros anos de vida – e isso pode ocorrer por interesses variados. Segundo REQUIXA (1977), em 1969, as pesquisas do IBOPE sugeriam a estreita ligação entre o grau de educação formal e a leitura, mostrando o possível papel da escola na formação do gosto pela leitura. Na infância, geralmente a criança estabelece um caráter lúdico com o livro, instigada pela forma/conteúdo interessantes que podem integrar este objeto. E, como tal, pode ser manuseado. Então, qual é o papel dos adultos – professores e pais – nesse processo?

Em uma pesquisa coordenada pela professora Regina Zilberman, realizada pelo Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS – intitulada “Diagnóstico da situação do ensino de literatura no 1º e 2º graus em escolas de Porto Alegre/RS”, verificou-se que, de uma atuação insegura do professor, quanto à escolha de títulos a serem propostos em aula, podem decorrer, entre os alunos, atitudes de rejeição à leitura. Esse afastamento proviria da associação entre leitura e obrigação escolar, da distância entre atividade de leitura e atividades existenciais espontâneas que gratificam o aluno, da inadequação entre o material de leitura oferecido pela escola e os temas de interesse etário, da insistência do professor em apresentar títulos consagrados pela história literária, esquecendo seu nível de atualidade, da acomodação do professor em se valer quase exclusivamente do livro didático como fonte.

Da sua parte, a escola ensina como ler, começando pela alfabetização e chegando ao estímulo, ao consumo, à fruição e à valorização dos produtos tidos como elevados, qualidade usualmente conferida à arte e literatura. Por isso, a eficiência do ensino viabiliza ou não a socialização dos textos a que dá acesso, sendo que, em caso negativo, a escola acaba por comprometer sua própria continuidade.

Existe uma concepção antiga de escola: escola “boa” é aquela cuja educação é rígida, o local é para absorção do conhecimento formal, pronto e acabado e o tempo tem que ser “bem aproveitado”. Nesta concepção há uma tendência de cobrar da escola o máximo de tarefas e o mínimo de prazer para os alunos. Estes, têm que aproveitar o máximo da escola, não podendo perder tempo com lazer.

Mas a realidade está cada vez mais apontando para a necessidade de uma alternativa a essa visão de escola/educação – em que aprender assemelha-se ao ato de imitar o que os mestres demonstram ser *obra dos adultos*. Esta posição tradicional acha-se no mínimo *deteriorada*, numa sociedade em que se reproduz intensamente o autoritarismo e a ausência de criatividade. Procura-se, nessa alternativa, despertar no aluno o prazer pelo aprendizado, facilitando a formação do conhecimento e contribuindo para um novo conceito de educação – uma educação para a democracia. Pois como diz ALVES (1993, p.106), “*só aprendemos aquelas coisas que nos dão prazer. (...) E só do prazer que surge a disciplina e a vontade de aprender*”. Isso justifica a importância atribuída à atividade lúdica no processo educativo e a necessidade do lazer para a criatividade e participação cultural dos alunos.

REQUIXA (1977) afirma que as atividades de lazer são portadoras primordiais de ações educativas, assim a importância de se educar para o lazer está diretamente relacionada ao educar pela prática do lazer. Portanto, o lazer é um campo privilegiado para a educação. E a leitura como opção de lazer depende, exclusivamente, da escolha do texto, procurando-se privilegiar conteúdos que melhor despertem o interesse de leitura. Nesse sentido, os educadores, principalmente da biblioteca, precisam estar atentos às dificuldades encontradas pelos usuários, procurando estimular atividades educativas e culturais que possam despertar o gosto pela leitura, que poderão contribuir com a formação do hábito de leitura. Esse hábito pode ser adquirido e cristalizado, na criança, se forem construídos a partir de uma concepção de educação para o lazer, em que a leitura se transforma em brinquedo, “*que a alma voe descolando-se do texto, para fazer suas próprias aventuras, que haja coragem para pensar o insólito... e o pensamento seja capaz de contemplar os fundamentos*” (Rubem Alves. Prefácio. In: MARCELLINO, 1990. p.16).

A leitura é uma forma de se apropriar do mundo, do universo das viagens e dos corações. Desta forma, os professores precisam entender o ensino como brinquedo – brincar com suas idéias e convidar outros para

a brincadeira. O pensar é, antes de mais nada, uma fecunda brincadeira, onde é possível brincar com as idéias.

Palavras Finais

A discussão traçada nesse texto teve como eixo central a questão do lazer-educação e do prazer da leitura, o caráter lúdico que pode ser estabelecido com o livro e as suas contribuições para a formação do hábito de ler. Este hábito é formado a partir de leituras voluntárias, principalmente as literaturas infantis, pois nelas a criança pode exercitar o seu imaginário de maneira prazerosa; como uma brincadeira.

A leitura pode apresentar-se apenas como recurso para se alcançar privacidade e fantasia, e a biblioteca é um espaço fecundo para se buscar essa leitura, como possibilidade de lazer. A biblioteca pode ser envolta pelo mágico, nela pode existir uma chave que abre a porta do prazer. Seu mundo pode ser uma representação do leitor. Portanto, se o livro pode seduzir, ao penetrar no universo infinito das idéias, silenciosamente, o leitor pode ser transportado para um incrível "instrumento de comunicação e de recreação" – o livro. Por isso, a biblioteca pública escolar deve ser um lugar gostoso de estar, de livre acesso. Sendo assim, ela poderá se tornar um espaço de lazer que precisa incluir, entre outras propostas, a expectativa de despertar os leitores para os prazeres do mundo da leitura.

A partir de uma determinada leitura, o leitor pode sentir vontade de se informar sobre algo que despertou a sua curiosidade. As emoções provocadas por algumas leituras vão se cristalizando e tornando influências poderosas para a sua formação. Ao mesmo tempo que a leitura-lazer pode satisfazê-lo no campo emocional, pode enriquecer as suas experiências pela predisposição que deixa no leitor em relação aos motivos que às vezes apenas anunciam. Portanto, a leitura pode influenciar diferentemente o desenvolvimento intelectual, afetivo e social de cada leitor. Isso se dá pela prática de leitura e das ligações que são feitas a partir de experiências anteriores de cada leitor que, dentro de suas experiências prévias, constata valores diferentes existentes no cerne da produção literária.

As perspectivas abertas na literatura atual sobre o lazer levam-nos, assim a acreditar na possibilidade de se formar o hábito de ler a partir da leitura-lazer. Portanto, os pais e educadores têm um grande papel nesse processo, pois são responsáveis pela formação do aluno na sua totalidade, principalmente estimulando a leitura, que poderá constituir

uma interessante possibilidade de lazer comprometida com a reflexão sobre a nossa realidade.

ABSTRACT: *The purpose of this text is to discuss reading as a possibility of leisure focusing mainly the childhood and youth universe. It's about a bibliographical research made from the observations realized in a public school library. In conclusion, it was possible to realize that the habit of reading for pleasure can develop the reader's creative and critical potentiality so that the reader is able to make a reflective reading of the world besides making him acquire the habit of reading.*

KEY-WORDS: *Leisure, Education, Reading, Library*

Referências Bibliográficas

- ALVES, R. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1993.
- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FRAGOSO, GA. Biblioteca Escolar: tecnologia da emoção. *Presença Pedagógica*. N. 9, p. 53-57, mai/jun. 1996.
- MARCELLINO, N. C. *Pedagogia da animação*. São Paulo: Papyrus, 1990
- _____. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- OLIVEIRA, A. L. *Da alfabetização ao gosto pela leitura*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.
- REQUIXA, R. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- SARTRE, J. P. *As palavras*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
- SILVA, E. T. *Leitura na Escola e na Biblioteca*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1986
- SILVA, W.C. *Miséria da Biblioteca Escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.
- ZILBERMAN, R. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, A. A. G. e GALVÃO, A. M. O. (orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.